

A origem da palavra romã

Uma pequena contribuição ao estudo
da herança árabe na língua portuguesa

Maria Luiza Berwanger da Silva

*Vai-se meu corachón de mib:
ai, Rab, si se me tornard?
Tan mal me dóled li'l-habib;
Enfermo yed, quando sunarád?**
(Lírica dos Moçárabes, 1040)

* Vai-se o meu coração de mim,
Ai, Deus, quem sabe se voltará.
E tão grande a minha dor pelo amigo!
Enfermo está, quando ficará bom?

Professora na Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

ILUSTRAÇÃO MAIRA DAS NEVES

A ORIGEM DA PALAVRA ROMÃ

Este artigo tem por objetivo contribuir para reavivar os estudos sobre a presença da língua árabe na língua portuguesa por meio de breve análise de um caso pontual do léxico português: a origem da palavra "romã". Para a análise foram utilizados dados lingüísticos (sincrônicos e diacrônicos) de várias línguas do mundo (agrupadas por suas famílias genéticas), botânicos e históricos sobre o referido fruto, ou seja, informações gerais sobre seu consumo e cultivo nas diversas civilizações do mundo. Apesar de na literatura haver bastantes controvérsias sobre a etimologia da palavra no português, os resultados da pesquisa direcionam para a origem arábica, o que reforça dados históricos da influência árabe no idioma oficial do Brasil.

EL ORIGEN DE LA PALABRA "ROMÃ" (GRANADA)

Este artículo tiene por objetivo contribuir para reavivar los estudios sobre la presencia de la Lengua Árabe en la Lengua Portuguesa por medio de breve análisis de un caso puntual del léxico portugués: el origen de la palabra "romã" (granada). Para el análisis fueron utilizados datos lingüísticos (sincrónicos y diacrónicos) de varias lenguas del mundo (agrupadas por sus familias genéticas), botánicos y históricos sobre el referido fruto, o sea, informaciones generales sobre su consumo y cultivo en las diversas civilizaciones del mundo. A pesar de en la literatura haber bastantes controversias sobre la etimología de la palabra en el portugués, los resultados de la investigación encaminan para el origen arábica, lo que refuerza datos históricos de la influencia árabe en el idioma oficial del Brasil.

أصل كلمة الرمان

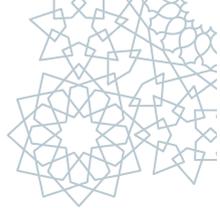
يهدف هذا المقال الى المساهمة في دراسة حضور اللغة العربية في اللغة البرتغالية عن طريق تحليل لحالة معجمية: أصل كلمة الرمان. وقد استعملت في التحليل معطيات لغوية (منذ نشأة اللغة أو في فترة زمنية محددة) للغات متعددة جمعت بناء على عائلاتها الوراثية، منها النباتية و التاريخية المرتبطة بفاكهة الرمان، أو بعبارة أخرى تم تجميع المعلومات العامة المرتبطة باستهلاك و زراعة هذه الفاكهة في مختلف مناطق العالم. وبالرغم من وجود اختلافات حول أصل الكلمة في اللغة البرتغالية فإن نتائج البحث تشير إلى الأصل العربي للكلمة، وهو ما يقوي المعطيات التاريخية للأثير العربي في اللغة الرسمية للبرازيل.

L'ORIGINE DU MOT "ROMÃ" (GRANADE)

Le but de cet article est celui de contribuer à faire revivre les études sur la présence de la Langue Arabe dans la Langue Portugaise à travers la brève analyse d'un cas ponctuel du lexique portugais: l'origine du mot "romã" (granade). On a eu recours pour cela à des données linguistiques (synchroniques et diachroniques) de plusieurs idiomes (groupés en familles génétiques), ainsi qu'à des notions botaniques et historiques à propos du fruit en question, c'est à dire à des informations génériques sur sa consommation et sa culture dans différentes parties du monde. Malgré les controverses présentes dans la littérature sur l'étymologie du mot en portugais, les résultats de la recherche s'inclinent vers l'origine arabe, ce qui vient renforcer les données historiques sur l'influence de l'Arabe dans la langue officielle du Brésil.

THE ORIGINS OF THE WORD "ROMÃ" (POMEGRANATE)

This article intends to contribute to the revival of studies on the presence of the Arabic language in the Portuguese language by means of a brief analysis of a particular case in the Portuguese vocabulary: the origin of the word "romã" (pomegranate). For this analysis, linguistic data (both synchronic and diachronic) from several of the world's languages (grouped according to their genetic families) were used, as well as botanical facts and descriptions about the fruit, including general information about its consumption and cultivation in different civilizations around the world. Despite considerable controversy in available literature as to the etymology of the word in the Portuguese language, the results of this research point to an Arabic origin, which reinforces historical data on the influence of Arabic on the official language of Brazil.



INTRODUÇÃO

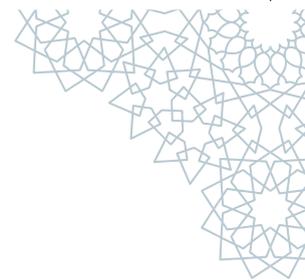
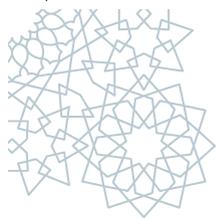


A etimologia das palavras sempre suscitou interesse entre estudiosos e curiosos em todo o mundo. E não poderia ser diferente, dadas as contribuições que um estudo etimológico pode legar ao ser humano em termos de descobertas de novos aspectos da sua realidade. De fato, para além da erudição e do domínio de um vasto léxico, a etimologia de palavras de uma determinada língua pode conduzir a fatos que fazem parte da história de seus falantes.

Pensando no português, especificamente, dentre os aspectos históricos que podem ser recuperados estão aqueles envolvendo outros povos, falantes de outras línguas, aquelas que ajudaram a transformar o latim, após o período de romanização, no idioma lusitano falado hoje por milhões de portugueses, brasileiros e outros povos mundo afora.

Em geral, as informações etimológicas tendem a nos direcionar para origens fiéis das palavras e, em consequência, para verdadeiros aspectos históricos, culturais, entre outros, dos seus falantes. É possível pensar dessa forma devido ao consenso existente nessas informações, as quais são fornecidas em diferentes trabalhos lexicográficos ou dicionários. Todavia, às vezes ocorrem divergências nas informações, o que causa desconforto àqueles que desejam munir-se de conhecimento seguro acerca de uma palavra e sua história.

Em nossa prática docente e de pesquisa sobre a influência da língua árabe e de outros idiomas no português, temos deparado eventualmente com situações desse tipo. Uma delas ocorreu ao



estudarmos a palavra “romã”, que, de acordo com Lião (1784: 70); Engelmann (1861: 91); Weston (1810: 163); Sousa (1789: 140) e Nascentes (1932: 696), teria sido uma das várias contribuições dos povos árabes ao nosso idioma. Todavia, segundo outros trabalhos lexicográficos publicados no Brasil sobre a língua portuguesa – (Meyer-Lübke, 1935 apud Nascentes 1932: 696); Ferreira, (1986: 1245); Weiszflog, (1999: 1855) e Houaiss (2001: 2470) –, o verbete “romã” é apresentado com a seguinte etimologia: “do latim (mala) romana”, ou seja, “maçã romana”. Machado (1991), não apresenta a palavra “romã” em seu *Vocabulário português de origem árabe*, fazendo-nos supor que o autor não considera que essa palavra seja de etimologia árabe. Para completar, outro autor, Luiz, (1837: 88), atesta que a referida palavra teria se originado do hebraico.

Essa falta de unanimidade sobre a etimologia da palavra “romã” levou-nos a realizar uma pesquisa que culminou no presente artigo. Nele, pretendemos apresentar uma análise que, a nosso ver, não deixa dúvidas quanto à etimologia da palavra em questão, que está na língua árabe. O objetivo principal do trabalho é, portanto, demonstrar que “romã”, inequivocamente, tem origem na língua dos povos árabes. Com isso, esperamos resolver, pelo menos em parte, um aspecto pontual da origem de palavras no léxico português.

O artigo está dividido em três partes. A primeira é dedicada a um breve histórico sobre a relação entre os povos árabes e os portugueses. A segunda e a terceira partes serão dedicadas, respectivamente, à “romã”, fruto, e à “romã”, palavra. O objetivo dessas duas seções é descrever a fruta no âmbito da botânica e também fornecer algumas informações sobre a palavra que lhe dá nome em português e em outras línguas. Nesta última parte, em especial, apresentaremos uma comparação dia-

crônica e sincrônica do português com várias outras línguas do mundo, a qual foi preponderante para determinar a etimologia da palavra ‘romã’. Complementam o artigo a conclusão e as referências bibliográficas.

A CONSTITUIÇÃO DE PORTUGAL E DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM BREVE HISTÓRICO

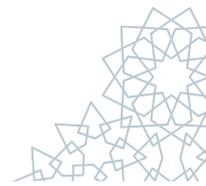
Conforme afirma Coutinho (1971: 46), não é fácil traçar a história da povoação do que hoje é o território português (região situada ao ocidente da Península Ibérica) antes da chegada dos romanos. Em termos gerais, a literatura menciona que o referido território teria sido habitado, no período paleolítico superior (22.000-10.000 a.C.), por povos conhecidos como iberos e lusitanos, de origem controversa¹.

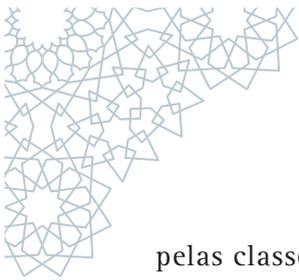
Em fins do século VI e início do V a.C., povos de origem indo-européia, os celtas, invadiram a Península. Dois séculos mais tarde, houve novas invasões da parte desses povos que acabaram por fundir-se com os iberos, formando, assim, os celtiberos. Essa união possibilitou um grande período de estabilidade que durou até a invasão romana, em 218 a.C., no século III.

O desembarque dos romanos na Península teve o objetivo de tomar uma base cartaginesa criada durante a Segunda Guerra Púnica. A conquista definitiva da Península durou dois séculos. Uma vez vencidos militarmente, os diversos povos, com exceção dos Bascos, que também eram habitantes primitivos da região, acabaram por adotar como sua a língua dos conquistadores, ou seja, o latim.

A sociedade romana possuía três classes estratificadas: patrícios, plebeus e escravos. Como as tropas de conquista eram constituídas por plebeus e escravos, não é difícil deduzir que o latim levado à Península Ibérica era aquele falado

¹ A título de curiosidade, foram esses povos que deixaram, às margens do rio Côa, as gravuras rupestres que são consideradas as atividades de gravação humana mais antigas do mundo.





pelas classes consideradas menos “cultas”, o que é conhecido na literatura específica como latim vulgar.

Do século V ao VIII de nossa era, a Península foi invadida pelos chamados “povos bárbaros” de origem germânica, isto é, os vândalos, os suevos, os alanos e os visigodos. Os suevos instalaram-se e criaram um reino ao norte, cuja capital era Bracara (hoje Braga), e seus domínios iam até o rio Tejo. Do Tejo até a região do Algarve, foi instalado o reino dos alanos; para os visigodos ficou a ocupação do resto da Península. Com a tomada e a constituição dos reinos germânicos, a influência romana desagregou-se.

É interessante notar que a influência desses povos na língua portuguesa (não esqueçamos: até aquele tempo o latim vulgar) foi mínima, mesmo porque, ao invés dos dominadores imporem sua língua aos dominados, foram estes que adotaram a língua daqueles.

No século VIII, mais precisamente no ano 711, a Península foi invadida por povos árabes e berberes do Maghreb. Estes últimos falavam uma língua que, a exemplo do árabe, também pertence ao *phylum* afro-asiático, mas, como língua de comunicação com os árabes, utilizavam o idioma destes últimos.

O processo de invasão dos árabes e berberes na Península Ibérica foi rápido e, já em 720, todos os reinos visigodos estavam sob o domínio dos mouros, que é o nome dado pelos habitantes locais aos árabes e berberes em conjunto. Os árabes ainda tentaram atravessar os Pireneus e invadir a França, entretanto, foram derrotados por Carlos Martel na batalha de Poitiers em 732². Por isso, o número de vocábulos de origem árabe na língua francesa é muito menor quando comparado ao presente nas línguas portuguesa e espanhola.

Nas regiões setentrionais, formaram-se os reinos rebeldes, onde a influência cultural e linguística dos árabes foi menor do que nas demais

regiões, já que os vencidos recuaram para os montes cantábricos situados no extremo norte de Portugal e ali organizaram a resistência aos invasores.

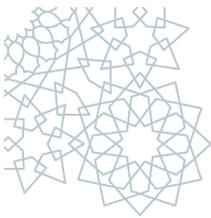
Na parte meridional, o domínio estrangeiro deixou subsistir uma grande população local de língua românica denominada moçárabe. Esse grupo coeso e compacto foi o principal responsável pela transmissão da cultura árabe que a comunidade local assimilou. No início do século XI, os povos locais iniciaram uma reação irresistível à dominação estrangeira. A partir daí pouco a pouco foram retomando seus antigos domínios. Coimbra foi reconquistada em 1064, seguida por Santarém, Évora e Lisboa.

Em 1249, com a tomada de Faro, o território de Portugal formou-se integralmente, embora o restante da Península só tenha sido reconquistado totalmente em 1492, quando da tomada de Granada. Terminava, dessa forma, após oito séculos, o domínio árabe na Península Ibérica.

Uma característica do período árabe na Península era a condescendência com os vencidos, respeitando-lhes religião, costumes, língua e até as demarcações geográficas existentes. Durante o longo período de estada árabe na região, foi a língua dos nativos que mais sentiu a dominação estrangeira. As centenas de palavras de origem árabe que encontramos no português e no espanhol constituem traços que permaneceram mesmo após a partida dos árabes.

O estudo dessas palavras possui importância fundamental. Ainda que não existissem outros documentos a respeito da ocupação árabe na Península Ibérica, seria-nos possível tranquilamente ter uma idéia da influência dos dominadores sobre os povos dominados apenas por meio da linguagem. Analisando o vocabulário empregado nas situações cotidianas da comunidade, como no pagamento de tributos, por exemplo, podemos encontrar indicações de quem eram os dominadores e quem eram

² Se tivessem logrado a travessia, a história das línguas românicas seria completamente diferente.



os dominados: os impostos (*alcabalas*) eram cobrados pelos coletores (*almoxarifes*) e por aqueles que fiscalizavam a cobrança e exerciam o poder de polícia (*alcaldes*); também os nomes de pesos e medidas (*alqueire, arroba, entre outros*) que eram conferidos pelos que faziam a superintendência do processo, ou seja, os *almotacés*.

Por outro lado, o grande número de vocábulos tomados de empréstimo nos ramos da botânica, da química e da astronomia, das artes e dos ofícios (estes o ponto alto da dominação) constitui uma prova irrefutável de quem tinha a superioridade em matéria de civilização. Assim, a história da língua portuguesa, em termos de influência do idioma árabe, seguiu a marcha da história política, o que, aliás, nem sempre aconteceu, como denota a história da dominação germânica na Península Ibérica.

ROMÃ: A FRUTA E SUA HISTÓRIA

*Rômulo rema no rio./
A romã dorme no ramo,/a romã rubra.
(E o céu)/O remo abre o rio./
O rio murmura./A romã rubra dorme/
cheia de rubis. (E o céu)/Rômulo rema no rio./
Abre-se a romã./ Abre-se a manhã./
Rolam rubis rubros no céu./
No rio,/Rômulo rema.
(Cecília Meireles)*

A romã é a fruta de uma árvore denominada romãzeira (*Punica granatum*), espécie do gênero *Punica*, dentro da família *Lythracea*. A romãzeira é um arbusto caducifólio (cujas folhas caem quando está em um tempo desfavorável) e que pode alcançar até 8 metros de altura. As folhas são opostas ou subopostas, brilhantes, oblongas, com até 7 cm de comprimento e 2 cm de largura. As flores são de cor vermelha brilhante.

de 3 cm de diâmetro, com cinco pétalas ou mais em romãzeiras cultivadas. O fruto é uma baga globular com uma casca que tem a consistência do couro. O interior é subdividido em vários lóbulos que contêm numerosas sementes revestidas por uma cobertura denominada sarcotesta, de polpa vermelha e suculenta.

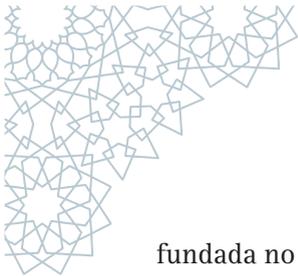
Ao chegar à maturação, a romã abre-se espontaneamente em fissuras que deixam descoberto o conteúdo de cada lóbulo. As aves costumam ser atraídas pela cor viva das sementes e, após consumi-las, transportam-nas em suas fezes para outras regiões. Por isso, a dispersão da árvore é endozoocórica.

A romã é uma fruta originária da Pérsia (atual Irã) e foi cultivada na Ásia Central, na Geórgia, na Armênia, no Azerbaijão e na região Mediterrânea por muitos anos. Na Geórgia e Armênia, ao leste do Mar Morto, há bosques de romãs selvagens fora das antigas colônias abandonadas. O cultivo dessa fruta tem uma longa história na Armênia, onde restos de romãs fósseis datadas de 1000 a.C. foram encontrados.

Exocarpos carbonizados da fruta foram identificados na Idade do Bronze primitiva nas colinas de Jericó e na Idade do Bronze recente em Chipre. Uma grande romã seca foi encontrada em uma tumba no Egito. Gravações cuneiformes na Mesopotâmia mencionam romãs no terceiro milênio anterior à idade de Cristo.

As romãs também são extensivamente cultivadas no sul da China e no Sudeste Asiático. Nas zonas desérticas, eram muito apreciadas por estarem protegidas pela secagem devido à casca grossa e coriácea, o que permitia às caravanas transportá-las por longas distâncias sem que fossem afetadas em sua qualidade e sabor.

Foram os berberes, e este ponto é muito importante como veremos a *posteriori*, que levaram a romã e seu cultivo para a Península Ibérica. A antiga cidade andaluza de Granada,



fundada no século X, foi renomeada por causa da fruta durante o período mouro. A figura do fruto aparece no brasão atual da cidade.

Anteriormente, a romã já era saboreada na Europa, pois os romanos conheceram-na graças aos fenícios, que a levaram da Fenícia (atual Líbano) para Roma. Daí seu nome científico ser *Punica*.

No mundo islâmico, pelo que sugere a literatura, a romã era uma fruta muito apreciada. Apenas no *Qur'an* (1971: 129, 135, 540), por exemplo, encontramos três passagens (6: 100, 6: 142 e 55: 69) em que há menções à fruta e sua relação com os dois jardins (paraísos), como em “e em ambos [os jardins] haverá todas as espécies de frutas e tâmaras e romãs”.

A literatura também se encarrega de dar mostras de que as romãs faziam parte da cultura hebraica. Na *Bíblia*, por exemplo, encontramos uma passagem do livro de Deuteronômio 8: 8, *Bíblia* (1994: 221), que faz menção à romeira ou “romãzeira”, árvore que dá a romã: “Terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e de mel”.

Em outros tipos de literatura, tais como aquelas relativas à mitologia grega, também é possível encontrar referência à romã. A título de ilustração, a seguir, transcrevemos de forma resumida o mito de Hades com Perséfone que, segundo Cox (1863: 5), transformou-se em uma explanação do grego antigo para ajudar a explicar as estações do ano, especialmente o inverno, em que, geralmente, as plantas deixam de crescer e florescer.

Perséfone (a deusa do inferno) foi seqüestrada por Hades (o deus das trevas) e levada para viver no inferno como sua esposa. A mãe de Perséfone, Deméter (a deusa da colheita), entrou então em luto pela perda de sua filha. Por isso, todas os seres verdes cessaram de crescer. Zeus (o mais poderoso dos deuses gregos), não podendo deixar a terra morrer, ordenou que Hades devolvesse Perséfone.



Todavia, era regra do destino que qualquer um que consumisse alimento ou bebida no inferno estaria condenado a ficar lá por toda a eternidade. Quando Perséfone era ainda prisioneira de Hades, ela não tinha nenhum alimento para consumir, mas Hades enganou-a oferecendo-lhe para comer quatro sementes de romã. Por causa disso, ela foi condenada a passar quatro meses por ano no inferno. Assim, durante os quatro meses em que Perséfone está sentada ao lado de seu marido Hades, sua mãe Deméter também está de luto. Nesse período, Deméter não deixa a terra ser fértil. (Cox, 1863: 5)

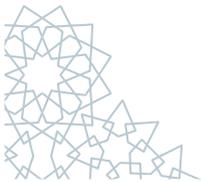
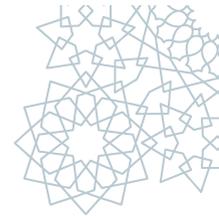
Finalmente, mas ainda no âmbito mitológico, em estudo referente a vestígios da língua árabe no português, Sousa (1789: 140) também faz referência a Hadad, deus supremo das tempestades, adorado no segundo milênio a.C. na Síria, também conhecido com o nome de Rimón, no Egito, e como Ba'al, pelos fenícios:

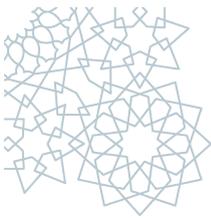
Em Damasco, cidade da Síria foi adorado antigamente o Deus Rimón, que trazia na mão direita huma romaã, para mostrar, que elle era o protector daquelle povo, isto he os Caphiturins, os quaes traziaõ essa fruta em sua cota de armas. Vid. Diccionario de Bayle n palavra Rimón. (Sousa, 1789:140)

Como se pode notar, a fruta romã faz parte da história e cultura de várias civilizações. Na seqüência, trataremos da palavra “romã”, sua origem e uso nas línguas do mundo, especialmente no português.

ROMÃ: A PALAVRA E SUA ETIMOLOGIA

Em latim clássico, a fruta conhecida por nós como ‘romã’ levava o nome *malum punicum* ou *malum granatum*. A forma *malum*, vale dizer, é um nome genérico para designar todas as frutas que se assemelham à maçã. Já a forma *punicum* vem de fenício, povo muito





ativo no cultivo dessa fruta, particularmente por razões religiosas, conforme mencionamos anteriormente.

Assim, a despeito do que afirmam alguns dicionaristas já citados neste trabalho, é provável que a fruta não tenha sido chamada de mala romana, originalmente, tampouco teria ocorrido uma evolução lingüística desse nome como segue: mala romana > romana > romã. Além disso, os próprios romanos nunca deram esse nome à fruta para a qual somente duas origens seriam possíveis: *malum punicum* > *punicum* > *punica* e *malum granatum* > *granatum* > *granata* > *granada*, esta última ocorrendo de fato na Espanha e França. Ademais, como já dissemos anteriormente, não foram os romanos que introduziram a romã na Península Ibérica.



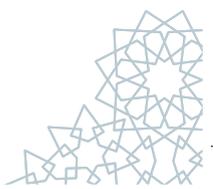
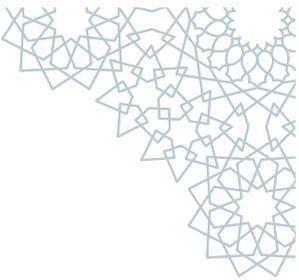
Em inglês, a fruta é denominada *pomegranate* e sua etimologia é latina: *pomum* (“maçã”) e *granatum* (“com sementes”). Segundo o *Webster’s Online Dictionary with Multilingual Thesaurus Translation*, 2007, o armamento também denominado “granada” teria recebido esse nome por ter, na época de seu surgimento, aparência semelhante ao do fruto.

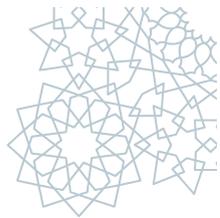
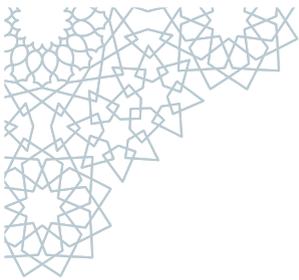
Assim, motivados pelas diferenças encontradas nas informações etimológicas acerca da palavra que nomeia a romã, decidimos realizar uma pesquisa, em várias línguas do mundo, sobre o nome que a fruta recebe em cada língua. O resultado da pesquisa é dado na Tabela I, que apresenta a classificação de cada língua pesquisada em sua respectiva família lingüística; a tradução da palavra “romã” e, para efeito de comparação, também a de ‘maçã’; quando necessária, a transliteração dos dados e, finalmente, uma numeração relativa às fontes bibliográficas

de onde foram retiradas as informações presentes na Tabela. Desse modo, a correspondência entre os números indicadores e as fontes é a seguinte: (1) *Webster’s* (2007); (2) *English-Polish Dictionary*; (3) *Kyriakydes* (1909); (4) *English-Estonian Dictionary* (2007); (5) *Catalan Dictionary* (1994); (6) *Platts* (1884); (7) *Rajki* (2002); (8) *The Concise Oxford English-Arabic Dictionary of Current Usage* (1982); (9) *Dallet* (1982).

Observando a Tabela, portanto, verificamos que na maioria das línguas indo-européias, eslavas e urálicas a palavra para “romã” corresponde à origem latina *granatum*. Além disso, muitas dessas línguas utilizam a palavra para “maçã”, às vezes, na forma latina formando compostos com o sentido de “maçã de Granada”; algumas vezes, na forma da própria língua, como no caso do alemão *granatapfel*, de “granata” e *apfel*, ‘maçã’; outras línguas, em contraposição, usam somente ‘granada’ por metonímia.

O romeno, o grego antigo e o grego moderno possuem a mesma raiz para designar a fruta romã. Assim, é provável que a palavra romena seja um empréstimo do grego moderno. O turco e as línguas da família indo-iraniana apresentam a raiz *nar*. Na língua turca, a palavra para designar a “nossa” romã possui forma semelhante àquelas verificadas no farsi e urdu, línguas também indo-européias, mas pertencentes à família indo-iraniana. Dessa maneira, a palavra no turco deve ser um empréstimo da língua farsi, pois, como vimos anteriormente, a fruta foi cultivada primeiramente na Pérsia. A raiz proto-semítica *r-m-(-n)* não deixa dúvidas com relação ao nome da fruta em línguas semíticas.





Baseando-nos em tais considerações, podemos dividir então as línguas da amostra apresentada na Tabela em quatro grupos: a) as que possuem origem latina para o nome associado ou não ao termo ‘maçã’, formando compostos, na respectiva língua com raiz *granatum*; b) as que fogem dessa raiz apresentando outra forma para raiz, ou seja, *nar*; c) as que seguem a raiz semítica *r-m-(-n)* e, finalmente, d) as que apresentam a mesma raiz do grego antigo.

Nesses termos, por simples inspeção, verificamos sem margem de dúvidas que a palavra portuguesa “romã” pertence ao terceiro grupo. Para reforçar nossa afirmação, ressaltamos que Houaiss (2001: 2470), apresenta os vocábulos “milgranada”, “milgrada”, “milgrã” e “mirgã” derivados de “mil sementes” como outro nome da língua portuguesa para a fruta e, dessa vez, genuinamente latino. A forma “milgranada” é pouco usada até mesmo em Portugal, de modo que os dicionaristas Ferreira (1986); Weiszflog (1999) e Silva & Bluteau (1801) nem sequer apresentam o verbete em seus compêndios. É curioso notar ainda que tanto Ferreira (1986: 697) como Houaiss (2001: 1476) não se referem ao termo “granada” como fruta. Todavia, este último, na etimologia da palavra com o sentido de “armamento”, diz que ela provém do francês *granade*, que significa “romã” por extensão metafórica. Weiszflog (1999: 1189), também faz referência a isso, mas observa que com esse significado “*granada*” é um nome muito pouco usado.

A palavra também poderia ter sido herdada do hebraico, pois, a partir do século VI, populações judaicas resultantes da tomada de Jerusalém pelos romanos migraram para vários países da Europa, dentre eles Portugal. Com a instauração do Cristianismo como religião oficial, a população local começou a discriminar os judeus a ponto de leis discriminatórias serem criadas inicialmente pelos romanos e depois

pelos visigodos. Por este motivo, os contatos entre os povos locais e os judeus não eram amistosos, não sendo portanto facilmente permitida a tomada de muitos empréstimos de sua língua. Por isso, o número de palavras derivadas do hebraico é pequeno e muito inferior aos da língua árabe.

Quando da invasão da Península Ibérica e da derrota dos visigodos, os povos árabes e berberes foram considerados pelos judeus como libertadores, haja vista a tolerância para com os locais por parte dos invasores ser muito grande. Entretanto, pelo que nos consta, somente com a invasão árabe a fruta romã foi levada para o território português, provavelmente com o nome de origem árabe.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, utilizamos técnicas comparativas sincrônicas e diacrônicas, associadas a outras informações extralingüísticas para determinar a origem arábica da palavra ‘romã’ na língua portuguesa. Acreditamos que nosso objetivo inicial tenha sido logrado a contento. Afinal, a pesquisa realizada permitiu-nos afastar as interpretações que consideravam a referida palavra como sendo de origem latina e concluímos, a partir dos dados apresentados, que ‘romã’ é provavelmente um termo de origem árabe.

Estamos conscientes de que haja quem possa dizer que usamos aqui “canhão para matar mosca”. Entretanto, um objetivo marginal do trabalho foi o de mostrar como se pode, através do estudo cuidadoso de vários dados lingüísticos e não-lingüísticos (botânicos, históricos, entre outros associados ao mesmo objetivo), inferir um resultado que, embora simples, é muito importante para o tratamento da herança da língua árabe na língua portuguesa.

Por ora, vale ressaltar, trata-se apenas de um passo inicial com propósitos de contribuir para novos estudos, como o que pretendemos realizar no futuro utilizando o mesmo método para fundamentar a origem de palavras controversas de nosso léxico, tais como “algum”, “até” e muitas outras. ●

FAMÍLIA	LÍNGUA	ROMÃ	MAÇÃ	TRANSLITERAÇÃO	FONTE
Germânica	Inglês	pomegranate			1
	Alemão	granatapfel	apfel		1
	Holandês	granaatappel	appel		1
	Sueco	granatäpple	äpple		1
Eslava	Russo	Гранат		granat	1
	Polonês	granatowiec			2
	Tcheco	granátové jablko	jablko		1
Helênica	Grego Antigo	Ρόδι	rooi		1
	Grego Moderno	Ρόδι	rodi		3
Urálica	Finlandês	granaattimena	omena		1
	Húngaro	gránátalma	alma		1
	Estoniano	granaatõun	õun		4
Românica	Espanhol	granada			1
	Italiano	melograna, granato			1
	Francês	granade			1
	Catalão	magraner			5
	Português	romã			1
	Romeno	rodie			1
Indo-Iraniana	Farsi	انار		anar	1
	Urdu	انار		anar	6
Semítica	Hebraico	רִמּוֹן		rimmon	7
	Amárico	ገጠጠ		roman	7
	Acádico	lurmu, nurmu			7
	Maltês	rummiena			7
	Ugarítico	𐎗𐎎 𐎗𐎎 𐎗𐎎		lrmn	7
	Proto-semítico	r-m-(-n)			7
	Árabe	رمان		rumman	8
	Kabyle	rrumman			9
Altaica	Turco	nar			1

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. 1994. *Bíblia sagrada*. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Catalan Dictionary. 1994. USA: Routledge Chapman & Hall.

COUTINHO, Ismael de Lima. 1971. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

COX, Rev. William George. 1863. *Tales from Greek Mythology*. London: Longman.

DALLET, Jean-Marie. 1982. *Dictionnaire kabyle-français, parler des at Mangellat*. Paris: Selaf.

ENGELMANN, Willen Herman. 1861. *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*. Leyde: E. J. Brill.

English-Estonian Dictionary. Disponível em: <http://dict.ibs.ee>.

English-Polish Dictionary. Disponível em: <http://www.ectaco.co.uk/English-Polish-Dictionary/>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1986. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HOUAISS, Antônio. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

KYRIAKYDES, Achilleus. 1909. *Modern Greek-English Dictionary with a Cypriot Vocabulary*. Atens: A. Constantinides.

LIÃO, Duarte Nunes de. 1784. *Origem e orthografia da língua portugueza*. Lisboa: Typografia Rollandiana.

LUIZ, Francisco de S. 1837. *Glossário de vocabulos portugueses derivados das linguas orientaes e africanas, exceto árabe*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.

MACHADO, José Pedro. 1991. *Vocabulário português de origem árabe*. Lisboa: Editorial Notícias.

NASCENTES, Antenor. 1932. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

PLATTS, John Thompson. 1884. *A Dictionary of Urdu, Classical Hindi, and English*. London: W. H. Allen & Co.

QUR'AN. 1971. Árabe/Inglês. *The Holy Qur'an*. Tradução de: Maulawi Sher'Ali. Paquistão: The Nusrat Jehan Project Rabwah.

RAJKI, Andras. 2002. *Arabic Etymological Dictionary*. Disponível em: <http://www.freeweb.hu/etymological/>. Acesso em: 10 de maio de 2007.

SILVA, António Morais e BLUTEAU, Rafael. Sd. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeu Ferreira.

SOUSA, Fr. João. 1789. *Vestigios da língoa arabica em Portugal ou lexicon etymologico das palavras, e nomes portugueses que tem origem arabica*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.

The Concise Oxford English-Arabic Dictionary of Current Usage. 1982. England: Thomson Litho Ltd.

Webster's Online Dictionary with Multilingual Thesaurus Translation. 2007. Disponível em: <http://www.websters-online-dictionary.com/definition/pomegranate>. Acesso em: 10 maio 2007.

WEISZFLOG, Walter (ed.). 1999. *Michaelis Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.

WESTON, Stephen. 1810. *Remains of Arabic in the Spanish and Portuguese Languages*. España: S. Rousseau.